

AVALIAÇÃO NA EDUCACAO INFANTIL NA PROPOSTA DE SALA INVERTIDA: POSSIBILIDADES

Nathalia Pamela Brandão Tomaz¹

RESUMO

O presente estudo propõe discussões e reflexões acerca da avaliação formativa na Educação Infantil e a relevância da documentação pedagógica no uso da metodologia da Sala Invertida. Inicialmente, será abordada a concepção de criança e de infância na Educação Infantil sob o olhar da Pedagogia da Infância. Discutiremos, em seguida, a avaliação pautada na documentação pedagógica, como parte do processo de ensino-aprendizagem desta etapa da educação básica. E, por fim, apresentaremos definição, experiências e possibilidades de trabalho com a metodologia da Sala Invertida com turmas de 4 anos, fruto do trabalho docente como educadora da Rede Municipal de Educação de São Paulo.

Palavras-Chave: Educação. Avaliação. Educação Infantil. Sala Invertida.

INTRODUÇÃO

Durante muito tempo, o foco do trabalho docente na educação infantil estava na transmissão de conteúdos, que visavam o preparo das crianças para o ingresso no ensino fundamental. A escola moderna fragmentou o conhecimento em disciplinas e etapas, controlou corpos e mentes, deixando de compreender a importância da integralidade do ser e do saber na construção da aprendizagem, e com a educação infantil não foi diferente.

A crença de que as crianças eram seres incompletos, que não tinham vida presente, e eram sempre um *vir-a-ser*, permeou por anos a visão pedagógica da Educação Infantil; no entanto, nos dias atuais, há uma crescente compreensão, oriunda de pesquisas de diferentes áreas da ciência que entendem que bebês e crianças, à medida que conhecem o mundo que os cerca, se constituem como pessoas com inteligência e personalidade. Neste sentido, um novo desafio aos educadores é apresentado: como organizar um trabalho pedagógico para e com bebês e crianças que promova e amplie essas inteligências, respeitando as peculiaridades da infância e suas culturas infantis?

O presente artigo propõe-se a refletir sobre possíveis caminhos na avaliação da educação infantil que respeitem essas peculiaridades das crianças à luz de autores que defendem

a avaliação formativa, capaz de traduzir o percurso vivido sem padronizar as crianças. Pretende-se também elucidar como é possível aplicar a metodológica da Sala Invertida, ao colocar as crianças em posição de protagonista no processo de ensino-aprendizagem. Para tanto, apresentam-se as seguintes questões:

Como é possível avaliar crianças e bebês, respeitando seu processo vivido, sem classificá-los ou padronizá-los numa perspectiva de educação integral?

Quais concepções são necessárias na organização de uma documentação pedagógica capaz de orientar com qualidade o professor que atue dentro da metodologia de Sala Invertida?

AVALIANDO O OLHAR

“Sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca, não aprendo nem ensino” (FREIRE, 1996, p.95)

Considerando as concepções de infância e criança construídas no tempo e na história, em que se entende o infante como um sujeito de direitos, construtor da sua própria cultura, modificando e sendo modificado por ela, faz-se necessário repensar como tem ocorrido a construção do currículo da educação infantil nas escolas. As formas como as unidades escolares se organizam, pensam e selecionam o currículo tem muito a dizer sobre como estas instituições compreendem a infância nos dias de hoje. Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil:

“o currículo da Educação Infantil é concebido como um conjunto de práticas que buscam articular as experiências e os saberes das crianças com os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural, artísticos, ambiental, científico e tecnológico, de modo a promover o desenvolvimento integral de crianças de 0 a 5 anos de idade.” (BRASIL, 2010, p.12)

Deste modo, o currículo precisa pautar-se no espaço e tempo vividos, na troca e na interlocução dos seus atores (crianças e adultos); encontra-se além das situações planejadas e tende a ter uma abertura ao inesperado, constituindo o seu caráter integrador.

O educador da primeira infância, como observador participativo, pode utilizar-se de diferentes registros das produções infantis para compor uma documentação pedagógica que traduza o percurso vivido por essa criança, suas experiências e conhecimentos construídos a partir das interações ocorridas dentro da escola. Esse rico material - que pode ser composto por fotos, produções escritas, áudios, vídeos, desenhos - constitui a “documentação pedagógica”,

segundo Dahlberg, Moss e Pense (2003). Para eles, é o documento que está interessado em enxergar e entender o que está acontecendo no trabalho pedagógico, bem como o que a criança é capaz de fazer sem qualquer estrutura predeterminada de expectativas e normas.

“ avaliar não é fazer um ‘diagnostico’ de capacidades, mas acompanhar a variedade de ideias e manifestações das crianças para planejar ações significativas. Parte de um olhar atento do professor, um olhar estudioso que reflete sobre o que ve, sobretudo um olhar sensível e confiante nas possibilidades que as crianças apresentam.~ (HOFFMAN, p.30, 2012)

Na contramão da avaliação tradicional que objetiva classificar e padronizar comportamentos, a documentação pedagógica reunida das crianças promove a avaliação defendida por Hoffman (2010): a formativa. Documentar para avaliar pressupõe contextualizar essa criança, compreendê-la, respeitar o seu percurso, suas experiências, sua história de vida, sua realidade. É estabelecer uma conexão com o outro, é “prestar muita atenção”, é “estar junto.”

“ O professor mediador oportuniza e favorece processos de reflexão da criança sobre suas ações, oportunidades de pensar sobre a própria existência, estabelecendo relações ente ideias e ações e percebendo diferentes pontos de vista para reconstruir suas experiências.” (HOFFMAN, p.20, 2012)

Os desafios são muitos para que a avaliação formativa possa traduzir em bons registros o processo de ensino-aprendizagem desta criança, mas há muitas práticas docentes que têm, de maneira sutil, dado seus primeiros passos.

METODOLOGIA DA SALA INVERTIDA

Em termo gerais, a metodologia intitulada *Sala Invertida* (Flipped Classroom) estabelecida por Bergmann e Sams (2016), tem como objetivo inverter a relação de ensino-aprendizagem de maneira que o aluno/criança se torne protagonista na construção do seu conhecimento. O professor estaria em posição de orientador, aquele que faz inferências e auxilia do aluno em sua busca por respostas. Ao invés de termos uma aprendizagem bancária, passiva; teríamos uma inversão, e ativamente o aluno tomaria as rédeas.

A aplicabilidade desta metodologia em universidades e no ensino médio tem gerado altos índices de envolvimento dos alunos nas aulas em vários países do mundo. Dentro desta perspectiva de protagonismo e autoria, é possível levar essa estratégia às crianças de Educação Infantil? Quais são as mediações necessárias para garantir a aprendizagem ativa das crianças?

O sempre bem-vindo, Paulo Freire, já defendia a capacidade transformadora da educação e o ato de amor que acontece quando há respeito ao educando, ao conhecimento. Se entendermos que a criança é um sujeito do presente, da vivência que acontece no agora, a aprendizagem ocorrerá quando se oportunizar a escuta ativa e a autoria delas na busca pelo saber.

Nesse sentido, cabe ao professor de educação infantil viabilizar experiências e momentos em que as crianças possam participar do fazer pedagógico como um todo: planejamento, execução e avaliação. Faz-se necessário organizar momentos na rotina diária em que o professor e as crianças possam pensar juntos e aprender juntos.

Ao longo da minha experiência como educadora da primeira infância na rede municipal de ensino de São Paulo, pude promover o envolvimento e a participação das crianças não de forma fragmentada e passiva, mas sim criando condições para que as experiências vividas por elas pudessem fazer sentido, pudesse promover a aprendizagem. Pensando na metodologia da Sala Invertida, a sua aplicabilidade com crianças se dá no instante em que despertamos nas crianças a curiosidade e o anseio pela busca de respostas.

Para ilustrar essa discussão, trago o registro de uma cena ocorrida com crianças de 4 anos de uma escola municipal de educação infantil. Após a leitura e manuseio de um livro sobre dinossauros, que havia na cesta de livros da sala, as crianças se depararam com muitas dúvidas e certezas acerca dos répteis gigantes. O que será que dinossauros comem? Eles são grandes, não? Onde viviam? Onde podemos encontrar essas respostas? Qual é o nome deste aqui? E deste? Todos chamam ‘dinossauros’?

Diante a esta enxurrada de perguntas, algumas sem respostas, o grupo, mediado pelo professor, pensou em possibilidades e lugares em que as repostas poderiam ser encontradas. Numa perspectiva de Sala Invertida, coloquei-me como orientadora e sugeri que pudessem perguntar aos pais e familiares em busca de conhecimentos que pudessem ter sobre os dinossauros, recorrendo à internet se necessário. No dia seguinte havia algumas repostas e, aos

poucos, em roda, fomos sanando as dúvidas do dia anterior. Registramos em desenho e cartazes as aprendizagens alcançadas com a pesquisa em casa e outras ampliações foram surgindo.

De certa maneira, a inversão do processo de ensino-aprendizagem, colocando o aluno no papel central, desperta nele o anseio pela pesquisa e busca de respostas. E o espaço da sala de aula se torna o local de troca de conhecimentos e não mais de transmissão unilateral deste. A prática apresentada é preconizada pela metodologia da Sala Invertida, pela qual “o que tradicionalmente é feito em sala de aula, agora é executado em casa, e o que tradicionalmente é feito como trabalho de casa, agora é realizado em sala de aula” (BERGMANN; SAMS, 2016, p. 11). Diante disso, como organizar uma documentação pedagógica capaz de traduzir todo este processo de aquisição de conhecimento do aluno, pensando na metodologia da Sala Invertida? No instante em que reunimos os registros das falas das crianças, dos levantamentos e hipóteses individuais e em grupo sobre um assunto, registros em desenhos ou pinturas, passamos a ter um rico e vivo material que pode direcionar o nosso planejamento. Além disso, esse rico material possibilita a criação de novas estratégias didáticas para trabalhar com as crianças, compreender a forma como a criança enxerga o mundo, o conhecimento e as interlocuções que ela faz durante todo o percurso vivido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo buscou, em linhas gerais, propor reflexão e articulação entre as concepções de infância, que ainda permeiam o imaginário docente, e a avaliação na educação infantil. Se o educador da primeira infância não compreender a criança como protagonista da ação educativa, ainda teremos o currículo da educação infantil descontextualizado, fragmentado, distante do interesse das crianças e de suas percepções do mundo.

Conceber a criança como sujeito potente, que consegue criar e ressignificar a sua realidade, é peça fundamental para que a metodologia da Sala Invertida aconteça. Quando se inverte a ordem do processo de ensino-aprendizagem há tanto tempo estabelecido, o professor que antes detinha o saber, passa a ser um observador atento, um coadjuvante na sala de aula, aquele que orienta, que propõe a busca, instiga o aluno a ressignificar a sua realidade, a sua verdade. Avaliar a criança neste contexto não é mais padronizá-la numa forma pré-estabelecida e sim compará-la com ela mesma, respeitar o percurso por ela vivido e auxiliá-la a aprender mais.

Há muitos caminhos a percorrer, mas o primeiro passo já foi dado: conceber a criança como um ser dotado de saberes e não uma tábula rasa a ter sua história escrita por alguém.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERGMANN, J; SAMS, A. **Sala de aula invertida: Uma metodologia ativa de aprendizagem.** Trad. Afonso Celso da Cunha Serra. 1. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil** / Secretaria de Educação Básica. – Brasília: MEC, SEB, 2010

DAHLBERG, G; MOSS, P; PENCE, A. **Qualidade na educação da primeira infância: perspectivas pós-modernas.** Trad. Magda França Lopes. Porto Alegre: Artmed, 2003.

EDWARDS, Carolyn. **As cem linguagens da criança: abordagem Reggio Emilia na educação da primeira infância.** Porto Alegre: Editora Artes Medicas Sul Ltda, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

HOFFMAN, J. M. L. **Avaliar: respeitar primeiro, educar depois.** Porto Alegre: Mediação, 2010.

HOFFMAN, J. M. L. **Avaliação e Educação Infantil: um olhar sensível e reflexivo sobre a criança.** Porto Alegre: Mediação, 2012.

SÃO PAULO (SP). Secretaria Municipal de Educação. Diretoria de Orientação Técnica. **Orientação Normativa nº01: Avaliação na Educação Infantil: aprimorando os olhares.** São Paulo: SME/DOT, 2014.